

Aliança no Antigo Testamento

Antonio Renato Gusso¹¹

ALLIANCE IN THE OLD TESTAMENT By Antonio Renato Gusso

Professor Antonio Renato Gusso approaches God's sovereignty in His actions, choosing and separating who He wanted to establish His alliance. He points out the close connection between Election and Alliance and the fact of having promises and demands on the agreement between God and man.

No Antigo Testamento podem ser encontrados diversos tipos de alianças. Destas, três se destacam de forma especial: a aliança conjugal (Ml 2.14)¹²; a política (Rs 5.12) e, principalmente, a divina, o acordo estabelecido da parte de Deus com algum indivíduo ou com seu próprio povo. Aqui será abordado o terceiro tipo de aliança, a qual Deus cortou (*kārat* - Gn 15.18), deu (*nātan* - Gn 17.2), estabeleceu (*kūm* - Gn 17.7), ou jurou (*shāba'* - Gn 22.16) para aqueles que ele soberanamente escolheu para isto.¹³

1. A Palavra utilizada para Aliança (*berît*)

A palavra *berît*, que normalmente é traduzida para o português pelos termos aliança ou pacto, aparece no Antigo Testamento 285 vezes e passa a ser vertida para o grego na Septuaginta, em

¹¹ Professor da Faculdade Teológica Batista do Paraná, doutorando em Antigo Testamento pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

¹² A transliteração das palavras hebraicas e gregas seguem as sugestões do Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento (1998) e do Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (2000), publicados pelas edições Vida Nova.

¹³ KAISER, Jr., W. C. Teologia do Antigo Testamento. 2. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1984. p. 91.

257 ocasiões, pelo termo *diathēkē*. Ao interpretá-la deve ser levado em conta que existe muita diferença em seu significado quando se presta para descrever um ajuste entre pessoas e quando descreve uma relação estabelecida por Deus.¹⁴

Shwantes (1983) propõe que a palavra *berît* seja traduzida pelos equivalentes concerto, aliança ou pacto.¹⁵ A. Jepsen, por sua vez, traduz o termo por “solene promessa, compromisso”,¹⁶ e Crabtree, defende que a tradução mais adequada, quando se trata da relação com Deus, é concerto. Isto porque pacto sugere um contrato entre pessoas com vantagens mutuas enquanto aliança lembra mais os acordos entre nações do que o relacionamento de Deus, por iniciativa própria dele, com o seu povo.¹⁷

Seja pacto, aliança ou concerto o termo escolhido para verter a palavra *berît* para a língua portuguesa, o que não se pode supor é que o termo descreva sempre uma relação de igualdade entre as partes. Frequentemente a *berît* é uma convenção imposta pelo mais forte (cf. Is 9.6ss; 1 Rs 20.34; 1 Sm 11.1ss). Nestes casos é o mais forte que tem o privilégio de decidir e julgar. Ao mais fraco só cabe aceitar as condições. Em outras ocasiões, porém, as partes podiam entrar em acordo espontaneamente, assumindo direitos e obrigações quase em pé de igualdade (Gn 21.27,32; 31.44; 1 Sm 23.18; 2 Sm 5.3).¹⁸

Primeiramente é necessário reconhecer que “não há uma noção de aliança universalmente admitida. O conceito *berît* é

¹⁴ CRABTREE, A. R. *Teologia do Velho Testamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. P. 193.

¹⁵ SCHWANTES, S. J. *Pequeno dicionário hebraico-português do Velho Testamento*. Rio de Janeiro: Seminário Adventista Latino-americano, 1983. p. 19.

¹⁶ WESTERMANN, C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. p. 38.

¹⁷ CRABTREE, *op. cit.*, p. 21.

¹⁸ VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel*. São Paulo: ASTE, 1973. v.1. p. 137.

muito formal e seu uso se presta para muitas interpretações”.¹⁹ Westerman (1987) declara que, embora não exista um acordo quanto ao significado de *berît*, todos concordam que a palavra tem um sentido mais dinâmico do que estático: ela descreve uma ação e não uma situação inerte. Por isto, traduzir *berît* sempre como aliança é um erro lexicográfico. Pois *berît* é mais do que isto, é um ato pelo qual alguém se obriga solene e oficialmente, como se fosse um juramento.²⁰

2. Condições da Aliança

A aliança aparece no Antigo Testamento com ênfase em dois lados, o condicional e o incondicional. Um lado enfatiza as promessas como feitas aos patriarcas e a Davi, o outro enfatiza mais as estipulações como feitas a Israel no Sinai. Estas duas perspectivas não se contradizem, mas se completam.²¹

Em Gênesis 9.9-17, por exemplo, encontra-se uma aliança incondicional. Deus estabelece (v.9) a sua aliança com o mundo por sua própria vontade e ninguém pode contestá-la, ou ao menos rejeitá-la.

Outra que pode ser incondicional é a que foi estabelecida com Abraão (Gn 17.1-14), porém a circuncisão parece ser uma condição indispensável da aliança conforme o v.14: “O incircunciso, que não for circuncidado na carne do prepúcio, essa vida será eliminada do seu povo, quebrou a minha aliança”. O rabino Melamed salienta que a circuncisão “é o símbolo, a prova e a condição para entrar na aliança que o Eterno estabeleceu com o patriarca Abraão”.²² Kaiser argumenta que à

¹⁹ *Ibid.* p. 138.

²⁰ WESTERMANN, *op. cit.*, p. 38.

²¹ *Ibid.*

²² MELAMED, M. M. *A Lei de Moisés e as “Haftarot”: com tradução, explicação e comentário*. 4. ed. Rio de Janeiro: Templo Israelita Brasileiro Ohei Yaacov, 1980.

primeira vista a circuncisão poderia vir a parecer uma condição da promessa, mas a dúvida se esvanece completamente ao se observar o v. 11 que diz: “Circuncidareis a carne de vosso prepúcio; será isso por sinal da aliança entre mim e vós”. Sendo assim, a circuncisão não deve ser encarada como uma condição, mas apenas como um “sinal”.²³

Quem toma a iniciativa e estipula as condições da aliança é sempre Deus. Com Israel não foi diferente. Podia aceitar ou rejeitar a oferta de Deus, mas não poderia de forma alguma estabelecer qualquer condição que fosse.²⁴ Deus, de forma soberana, “escolheu” Israel e propôs estabelecer a sua aliança, a qual traria muitas bênçãos. E foi ali no Sinai que Israel prometeu viver conforme a vontade divina, sabendo o tempo todo das bênçãos que resultariam da fidelidade àquela aliança.²⁵

O que aconteceu no Sinai não foi um contrato ou um convênio comercial, mas sim um juramento de lealdade, o qual Israel fez para aquele que primeiramente o havia eleito e resgatado da escravidão.²⁶ Mas, mesmo não sendo um contrato, havia condições. Não da parte de Deus, para Ele era incondicional, porém da parte de Israel se esperava obediência, e se isto não fosse cumprido seria considerado como traição.²⁷

Deus prometia que nunca haveria de repudiar a aliança que ele mesmo havia estabelecido com base em seu amor. Israel, porém se desejasse, poderia quebrar o pacto. Todas as

²³ KAISER, Jr., *op. cit.*, p.97.

²⁴ CRABTREE, *op. cit.*, 193.

²⁵ FRANCISCO, C. T. In: ALLEN; Clifton., ed. ger. **Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. v.1. p. 96.

²⁶ ROWLEY, H. H. *La fe de Israel: aspectos del pensamiento del Antiguo Testamento*. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1973. p. 58.

²⁷ RUST, E. C. In: ALLEN, Clifton., ed. ger. **Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. v.1. p. 122.

gerações deveriam se apropriar do pacto renovando o compromisso de lealdade a Deus. A geração que não fizesse isto, estaria declarando que repudiava a sua eleição e que não gostaria de continuar nesta relação com ele.²⁸ Na verdade, esta aliança só deveria ser mantida enquanto as cláusulas soberanas de Deus fossem preservadas, e obediência e renovação continua, de livre escolha por parte de cada geração, eram exigidas para que ela fosse mantida.²⁹

Poder terminar com a aliança Israel podia, afinal lealdade imposta não é lealdade. Mas as condições seriam drásticas e resultariam em vergonha e desonra.³⁰

Israel não poderia viver como qualquer outra nação. Ela era uma nação especial, chamada ou escolhida por Deus e estava sendo formada sob a orientação do próprio Deus. Portanto, condições tinham de ser cumpridas, e santidade era uma das coisas não opcionais para este povo. Iavé era santo e Israel também tinha de o ser (Lv 20.26, 22.31-33).³¹

3. Forma de Celebração da Aliança

No ponto anterior foi observado que a aliança contém algumas estipulações ou condições para os participantes. Ela era uma relação jurídica, e nas relações entre as comunidades humanas oferecia o máximo de garantias. Elas eram celebradas com ritos solenes, com a invocação de Deus, com uma refeição sagrada, com juramentos auto-amaldiçoantes etc., conforme

²⁸ ROWLEY, *op. cit.*, p. 59.

²⁹ BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978. p. 198.

³⁰ CRABTREE, *op. cit.*, 208.

³¹ KAISER, Jr., *op. cit.*, p. 116.

Gn 26.30; 31.46,54.³² Em suma elas seguiam a forma corrente de celebração, a qual era bem conhecida dos pactuantes. Isto é confirmado pelas passagens de Jeremias 34.18 e Gênesis 15.9.

A aliança, conforme estabelecida com Israel, também tem seus paralelos com contratos da época. Ela é celebrada conforme alguns tratados de suseranos dos hititas.

De acordo com Bright (1978), estes tratados de suserania começam tipicamente com um preâmbulo no qual o Grande Rei se identifica. Como pode ser visto no Antigo Testamento, também na aliança com Israel há um preâmbulo onde o Senhor da aliança se identifica, como por exemplo, em Êx. 20.2, onde está escrito: Eu sou Iavé, o teu Deus.

Após o preâmbulo vem um prólogo, frequentemente bastante longo, no qual o Rei fala das relações anteriores entre ele e seus vassalos, salientando os seus atos de benevolência. Na aliança com Israel isto também aparece e pode ser breve, conforme Êxodo 20.2 que diz: “que te tirou da terra do Egito, da casa da escravidão”, ou muito longo, conforme a recitação dos feitos misericordiosos de Iavé relatados em Josué 24.2b-13.

Concluído o prólogo, vêm as estipulações que indicam em detalhes as obrigações impostas, as quais devem ser aceitas pelo vassalo. O paralelo está em que, da mesma forma que os vassalos não podem concluir alianças fora do Império Hitita, também os israelitas são proibidos de tratar com qualquer suserano divino, exceto Iavé.

Outro detalhe é que a paz deveria reinar entre os vassalos, assim como entre os membros do povo de Israel participantes do pacto com Iavé.

³² VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento: teologia das tradições históricas de Israel*. São Paulo: ASTE, 1973. v.1. p. 138.

Findas as estipulações, uma cópia do tratado deveria ser depositada no templo do vassalo para ser lida publicamente em intervalos regulares. Isto também tem seu paralelo em Israel. Conforme Deuteronômio 10.5, as tábuas da Lei foram colocadas na área e Deuteronômio 31.9-13 mostra que a leitura da Lei deveria ser feita em intervalos regulares.

Como testemunhas do tratado, os hititas invocavam vários deuses os quais eram obrigados a lançar bênçãos ou maldições sobre os vassalos, conforme o caso de obediência ou desobediência. A invocação de deuses não poderia ter paralelo direto na Bíblia, é claro, mas ocorre algo parecido quando o próprio povo e a pedra sagrada dão testemunho como pode ser visto no Livro de Josué 24.22-27. Já as bênçãos e maldições ocupam um lugar de destaque, especialmente em Deuteronômio capítulos 27 e 28.

Esta aliança com Deus, seguindo de certa forma um tratado de suserania, contém um profundo significado teológico. Pois através de um juramento solene, as tribos aceitaram o domínio de Iavé e se empenharam em viver sob sua dominação em paz uns com os outros.³³

Os paralelos entre a aliança com Deus e seu povo e as alianças de suseranos com seus vassalos são marcantes. Contudo, seria um grande erro limitar o entendimento de aliança a um contrato de suserania. Pois é notório que o povo também foi adotado por Deus e passou a ter com ele um relacionamento filial (Êx 4.22 e Dt 8.5). Deus não era apenas o Grande Rei, era também o pai de seu povo.³⁴ Ele não age com seu povo como se fosse um conquistador que exige o reconhecimento de senhorio à força, mas sim como alguém

³³ BRIGHT, *op. cit.*, p.p. 194-197.

³⁴ DYRNESS, *op. cit.*, p. 119.

interessado, por puro amor, no bem estar daqueles com quem estabelece a aliança.

4. O Desenvolvimento da Aliança

A importância do tema aliança no Antigo Testamento não se pode negar. Ele é tão marcante que levou Eichrodt, em sua obra de Teologia do Antigo Testamento, a uma impressionante tentativa de compreender toda esta parte das Escrituras Sagradas partindo deste conceito, considerado por ele como unificador. No seu entender o conceito é amplo o suficiente para englobar a realidade integral do Antigo Testamento. Isto na realidade não é possível, mas sua tentativa mostra que este conceito está presente em varias seções do Antigo Testamento.

A ideia de aliança já pode ser notada na promessa que Deus faz para Adão em Gênesis 3.15 e, ainda, em Gênesis 4.15 quando da promessa de misericórdia divina para Caim.³⁵ Contudo, ela aparece de fato na promessa feita a Noé e, em seguida, a Abraão, Moisés e Davi. Mais tarde, com o profeta Jeremias, surge a noção de Nova Aliança a qual seria melhor esclarecida em o Novo Testamento na pessoa de Jesus Cristo.

A graça da aliança foi revelada progressivamente, e em cada aliança havia um enriquecimento que era resultado do desenvolvimento daquilo que está presente desde o princípio.³⁶

4.1. Aliança Noaica

É na promessa feita a Noé em Gn 6:18 que aparece pela primeira vez na Bíblia a palavra aliança (*berît*), e nesta primeira citação do termo já se percebe que é algo bem

³⁵ *Ibid.* p. 116.

³⁶ MURRAY, J. In: DOUGLAS, J. D, Ed.ger. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983. v.1. p. 54,55.

diferente de um concerto, contrato ou acordo entre duas partes, é uma demonstração da soberania e da graça de Deus.³⁷

Para alguns, como é o caso de Dyrness, Deus estabeleceu apenas uma aliança com Noé, sendo que esta tem sua base como uma promessa solene feita antes do dilúvio e selada após o acontecimento dele.³⁸ Para outros, como por exemplo, Murray (1983), a Aliança Noaica é dividida em duas. Sendo a primeira “a aliança Pré-diluviana” que se encontra em Gn 6.18, e a segunda a “aliança Pós-diluviana”, encontrada em Gn 9.9-17. Para Murray, a diferença mais marcante entre as duas é que na primeira havia obrigações que deveriam ser cumpridas por Noé e seus familiares enquanto que a segunda era incondicional. Para ele, as características que marcam a aliança Pós-diluviana com Noé são as seguintes: a) Ela foi estabelecida pelo próprio Deus; b) Ela não estava limitada a Noé, mas era universal; c) Ela era incondicional, não se esperava nenhuma atitude por parte de Noé ou da humanidade futura para que recebessem a graça da aliança; e d) Ela era eterna. Como é possível notar, ela é uma administração soberana da graça de Deus, desde sua origem e revelação até a confirmação e cumprimento.³⁹

Deus aniquilou a humanidade corrompida e após ter feito isto com o dilúvio, deu à nova humanidade qual era formada pela família escolhida, a de Noé, leis de conservação. Também pela aliança garantiu-lhes a estabilidade exterior destas leis e do próprio mundo.⁴⁰ O sinal desta garantia foi o arco-íris que se tornou o símbolo da aliança entre Deus e a Terra (Gn 9.13). Isto foi importante para lembrar o propósito da atividade

³⁷ MURRAY, *o. cit.*, p. p. 51

³⁸ DYRNESS, *op. cit.*, p. 116.

³⁹ MURRAY, *op. cit.*, p. 51.

⁴⁰ VON RAD, *op. cit.*, p.138.

graciosa de Deus, intenção esta que estaria presente também na aliança futura com Abraão.⁴¹

4.2. Aliança Abraâmica

A Aliança feita com Abraão aparece pela primeira vez na Bíblia em Gn 12.1-3. Ela é muito importante porque marca o início da eleição do homem pelo qual o mundo todo poderia ser salvo, se cresse, como também o início da história teológica de Israel.⁴²

A Aliança Abraâmica, basicamente, comporta três promessas: a primeira é a criação de um povo, a segunda é a nova relação com Deus (serei teu Deus) e a terceira a posse da terra. A primeira pode ser dada como realizada no Egito, quando Deus resgatou o povo que se originou nos patriarcas. A segunda aconteceu no Sinai, quando o povo recebeu uma “nova aliança”, as leis que haveriam de regular a vida comunitária, bem como a relação com Deus. A terceira teve seu cumprimento quando Josué levou o povo a tomar posse de Canaã.⁴³

Esta aliança foi traçada, administrada, confirmada e executada por Deus.⁴⁴ Foi Deus quem resolveu estabelecer a aliança e ele mesmo colocou as condições (Gn 17.1-2). Ele é o suserano (Gn 15.18 e 17:7),⁴⁵ e Abraão e seus descendentes deveriam ser fiéis ao que foi estabelecido (Gn 17.10-14).

Um elemento de grande importância no estabelecimento da aliança com Abraão foi a cerimônia solene (Gn 17.6-8), a

⁴¹ DYRNESS, *op. cit.*, p. 117.

⁴² KAISER, Jr., *op. cit.*, p. 45.

⁴³ VON RAD, *op. cit.*, p. 142.

⁴⁴ MURRAY, *op. cit.*, p. p. 52.

⁴⁵ DYRNESS, *op. cit.*, p. 117.

qual equivalia a um juramento auto amaldiçoante (Jr 34.18-20). Nela, Deus teve uma participação ativa, enquanto Abraão participou passivamente. Abraão não passou entre os animais divididos, mas Deus sim. Isto significou que era a intenção de Deus cumprir as suas promessas. Nada poderia ser melhor do que esta cerimônia solene para assegurar a Abraão a certeza das promessas. Abraão queria ter certeza de que as promessas se cumpririam (Gn 15.8) e Deus deu a ele a certeza através de um juramento⁴⁶. Desta forma cabia a Abraão apenas aceitar esta aliança. Ela estava garantida para sempre, apenas por Deus.⁴⁷

Esta aliança, por um lado era incondicional, pois Deus não esqueceria das promessas. Por outro lado, era condicional: estava condicionada à fé,⁴⁸ e a um sinal desta devoção que era a circuncisão. Isto deveria ser uma característica do povo de Deus. Aqueles que observassem este rito estariam prontos para observar os outros importantes pontos do pacto. Contudo, se este rito fosse negligenciado, a pessoa poderia ser excomungada da comunidade.⁴⁹ Aqueles que não possuíam a marca da circuncisão não estavam identificados com o povo de Deus e não teriam parte nas suas promessas.⁵⁰

Como é possível observar, esta aliança embora com muitas características novas, mantém a base da aliança com Noé, e como será visto mais adiante, continua na Aliança Mosaica e na Nova Aliança.

4.3. Aliança Mosaica

⁴⁶ *Ibid*

⁴⁷ FRANCISCO, *op. cit.*, p. 203.

⁴⁸ DYRNESS, *op. cit.*, p. 118.

⁴⁹ FRANCISCO, *op. cit.*, p. 231.

⁵⁰ DYRNESS, *op. cit.*, p. 118.

Esta aliança foi estabelecida em seguimento e cumprimento da aliança com Abraão. Isto pode ser visto de forma muito clara em Êxodo 2.14. 6.2-8 e Salmo 105.8-15. A aliança não era algo novo, mas sim uma promessa antiga que estava sendo cumprida.⁵¹

Da mesma forma que as outras alianças, também esta demonstra ser um ato livre de amor divino.⁵² Ela foi firmada com Israel, o povo que foi escolhido de forma soberana para ser redimido e adotado por Deus (Dt 14.2).

Ao estabelecer esta aliança, Deus levou em conta uma relação filial com Israel (Dt 14.1, Ex 4.22,23), mas nem por isso deixou de colocar condições, as quais deveriam ser observadas. Para Murray, a necessidade de observar a aliança é tão evidente neste pacto como foi com o abraâmico (Gn 17.9-14, 18.18,19). Como a aliança previa uma relação íntima entre o povo e Deus, não podia ser deixada de lado a exigência da santidade. Ela era um aspecto integral da benção do pacto. Contudo, seria um erro supor que as passagens de Êx 19.5,6 e 24.7,8 demonstram que o estabelecimento da aliança deveria esperar até se ouvir uma promessa de santidade, ou seja, de obediência por parte do povo. O que estava condicionado à obediência eram as bênçãos que estavam vinculadas ao pacto. E o povo diante de uma demonstração de graça desta natureza, não poderia mesmo ter dado outra resposta a não ser esta de Êx 24.7, prometendo obediência.

⁵¹ HONEYCUTT, Jr., R. L. In: ALLEN, Clifton., ed. ger. *Comentário Bíblico Broadman: Velho Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. v.1. p. 409.

⁵² WOLFF, H. W. *Bíblia: Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978. p. 40.

As estipulações que são conhecidas de forma popular como os dez mandamentos, ou as dez palavras, eram um elemento central no pacto estabelecido no Sinai.⁵³ Alguns estudiosos, como A. Bentzen (1968), vão um pouco adiante e concluem que todo o chamado Livro da Aliança (Êx 20.22-23.33) parece ser a base do pacto entre Israel e Deus.⁵⁴ Esta aliança estabelecida no Sinai, mais tarde, foi reafirmada conforme o que está escrito no Livro de Josué capítulo 24.

Nos dias atuais, tomando-se em consideração os paralelos entre a aliança de Deus com Israel e os tratados internacionais da época, agora bem conhecidos, fica evidente que Israel tomou esta aliança como a base para a sua vida religiosa e social.⁵⁵

4.4. Aliança Davídica

A aliança feita com Davi tem seu anúncio em 2 Samuel 7.12-17. Embora a palavra aliança não seja usada nesta passagem, fica evidente, pelas outras passagens importantes, que foi nesta palavra divina por intermédio do profeta Natã, que Deus estabeleceu sua aliança com o rei. Em seu sentido final, ela era uma aliança messiânica (cf. Is 42.16, 49.8, 55.3,4, Mt 3.1, Lc 1.32,33, At 2.30-36) e tinha como principais características: a segurança, a determinação e a imutabilidade das promessas. Afinal, o próprio Deus havia feito um juramento para Davi (Sl 89.3) e este juramento lhe assegurava que sua casa estava firme para sempre.⁵⁶

⁵³ HONEYCUTT, Jr., *op. cit.*, p. 485.

⁵⁴ BENTZEN, A. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1968. v. 2. p. 64.

⁵⁵ DYRNESS, *op. cit.*, p. 118.

⁵⁶ MURRAY, *op. cit.*, p.p. 53, 54.

Dyrness vê no Salmo 89.3,4, 27-37 que a descrição da aliança feita com Davi e Deus possui quase os mesmos termos da aliança estabelecida com Abraão. Contudo, nele Deus não apenas relembra suas promessas aos patriarcas, mas, também, acrescenta bênçãos. Ele conclui, citando Mendenhall, que “em Davi, a promessa para os patriarcas é cumprida e renovada”.⁵⁷

Com o passar do tempo, a aliança do Sinai, a qual, segundo Bright, possui severas obrigações morais e sanções, ficou encoberta no pensamento popular. A aliança com Davi, com suas promessas incondicionais causaram isto. É verdade que na aliança com Davi também existem exigências morais, porém, a ênfase não era depositada sobre elas e sim nas promessas que, segundo o sentimento do povo em geral, eram a garantia de segurança, sobrevivência e futuro glorioso para a nação.⁵⁸

Isaías foi um dos que acreditaram firmemente nas promessas que haviam sido feitas para Davi e por toda a sua vida exortou o povo a confiar nelas. As dificuldades surgiram não porque as promessas feitas a Davi fossem falsas, mas, porque não havia confiança suficiente nelas e como não havia confiança, o próprio lavé passou a combater contra Jerusalém, como Davi também havia feito no passado (Is 29.1-4).⁵⁹

Jeremias por sua vez, apoiando-se na teologia da Aliança Mosaica, foi completamente contra a confiança da nação nas promessas feitas a Davi. Ele não chegou a negar a validade teórica das promessas, conforme 23.5ss, nem rejeitou a instituição da monarquia. Ele estava sim, convencido de que o Estado havia falhado nas suas obrigações, por isso não

⁵⁷ DYRNESS, *op. cit.*, p. 120.

⁵⁸ BRIGHT, *op. cit.*, p. 395

⁵⁹ *Ibid.* p.396.

haveriam de ser contemplados com as promessas desta aliança (Jr 21.12-22.3).⁶⁰

O que não se pode deixar de observar era relação a esta aliança é a sua ligação com as promessas feitas aos patriarcas (com alguns acréscimos),⁶¹ e a dispensação soberana da graça de Deus que se encontra aqui de forma mais clara do que em qualquer outra aliança.⁶²

4.5. Nova Aliança

Para Kaiser (1984), a Nova Aliança é o centro da mensagem de Jeremias e até mesmo de toda a teologia do Antigo Testamento.⁶³ Dyrness por sua vez afirma que a Nova Aliança pregada por Jeremias era o reino messiânico que estava por vir (Jr 31.31-34). Deus havia prometido estabelecer uma nova aliança, não no sentido de ser diferente daquela que os pais haviam quebrado (v.32), mas no sentido de que esta obteria sucesso onde a antiga não havia conseguido. Consequentemente, ela levaria adiante (tão bem quanto substituiria) a realidade da Aliança Mosaica.⁶⁴

Crabtree expressou a sua opinião a respeito deste assunto da seguinte forma: “A unidade religiosa do Novo Concerto não será mais a nação como tal, mas uma pessoa. Deus escreverá a sua lei no coração do homem. Cada pessoa experimentará diretamente o poder da graça de Deus no seu espírito, ficando individual e pessoalmente responsável perante

⁶⁰ *Ibid.* p.452.

⁶¹ DYRNESS, *op. cit.*, p. 120.

⁶² MURRAY, *op. tit.*, p. p. 54.

⁶³ KAISER, Jr., *op. cit.*, p. 239.

⁶⁴ DYRNESS, *op. cit.*, p. 122.

Deus. Assim o reino de Deus constará de pessoas em comunhão com Deus”.⁶⁵

Bright assevera que a segunda parte do Livro de Isaías dá grande ênfase ao restabelecimento da aliança com Deus. Ele afirma que o profeta nunca sugeriu que Israel merecesse isto, mas como Deus já havia salvo um povo indigno do Egito, poderia também salvar um povo extremamente contumaz (Is 42.18-21, 48.1-11) de um novo tipo de escravidão, dando-lhes sua eterna aliança de paz (Is 54.9ss). O profeta não chamou esta aliança de “Nova Aliança”, como Jeremias o fez. Ele, por sua vez, insistiu que a aliança nunca havia sido quebrada (Is 50.1), e que Iavé salvaria o seu povo (Is 54.1-10), dando-lhe ainda a promessa de Abraão, de uma grande descendência (Is 49.20 ss e 54.1-3).⁶⁶

Esta nova aliança pregada por Jeremias e analisada por Dyrness que a apresenta em quatro pontos básicos. Em primeiro lugar ela seria estabelecida “depois daqueles dias” (v.33), ou seja, após mais um dos atos redentivos de Deus que haviam sido descritos anteriormente, no mesmo capítulo, como uma construção e reunião (Jr 31.4, 10,16). Em segundo lugar, esta nova aliança envolveria colocar a lei no coração e isto era conhecer o Senhor (v. 34). Jeremias conhecia bem o fracasso de Israel. Ele sabia que a falta de conhecimento havia levado ao fracasso (Jr 4.22, 8.7 e 24.7). Agora, isto não aconteceria, pois pela revolução interior o conhecimento seria natural. O terceiro ponto é que a nova postura diante de Deus deveria ser para todos (Jr 31.34) não apenas para os profetas e sacerdotes. Finalmente, a Nova Aliança incluía o perdão dos pecados (V.

⁶⁵ CRABTREE, *op. cit.*, 273.

⁶⁶ BRIGHT, *op. cit.*, 482.

34b). Eles seriam tratados de uma maneira final e não seriam mais lembrados. Mesmo no meio de tragédias pessoais e nacionais, Jeremias levantou as esperanças do povo, profetizando de um caminho novo e vivo, a Nova Aliança que haveria de ser selada pelo sangue de Cristo (Lc 22.20 e 1 Cor 11.25).⁶⁷

Obviamente, Jeremias não estava pensando diretamente em Cristo quando pregava a Nova Aliança, como pode se concluir das colocações de Dyrness. Contudo, mesmo que o profeta não pensasse em algo muito distante de sua época, está claro pelo Novo Testamento, e pelas características de progresso e continuidade que as alianças com Deus no Antigo Testamento apresentam, que A Nova Aliança se concretizou em Cristo como um cumprimento e desenvolvimento das “Antigas Alianças”.

Para concluir é bom destacar que os conceitos Aliança e Eleição no Antigo Testamento estão intimamente ligados. Deus é soberano em suas ações e, desta forma, escolheu e separou quem ele quis, para então estabelecer a sua aliança.

Esta aliança, por sua vez, não deve jamais ser imaginada como um conceito fixo, geralmente compreendido como contrato, pois ela não está limitada a isto. Ela é descrita pelo termo (*berît*) que, dependendo dos contextos, possui muitos significados, mas naqueles em que descreve as relações entre Deus e os seres humanos, expressa o compromisso firmado por Deus com seus eleitos. Ela poderia, ainda, ser condicional ou incondicional e aparece no Antigo Testamento como algo que se desenvolve constantemente revelando de forma gradativa a graça pactual de Deus. Continha promessas de bênçãos sim, mas também, na maior parte dos casos, exigências a serem cumpridas pelos agraciados por este privilégio. ■

⁶⁷ DYRNESS, *op. cit.*, p. 122, 123.

